

Redação, Administração e Tipografia
CALÇADA DO COMBRO, 38-A, 2^a andar
LISBOA - PORTUGAL
TELEFONE 539 TRINDADE
Oficinas de Imprensa e Estriptípia
RUA DA ATALAIA, 114 e 116
Este jornal não se publica às segundas-feiras - Não se devolvem os originais - Dos artigos publicados são responsáveis os seus autores.

PREÇO 30 CENTAVOS - ANO VIII - N.º 2478

DIÁRIO DA MANHÃ

A BATALHA



Director interino: ALBERTO DIAS
Editor: CARLOS MARIA COELHO
Propriedade da CONFEDERAÇÃO GERAL DO TRABALHO
Aderente à Associação Internacional dos Trabalhadores
Assinatura: Incluindo o suplemento semanal, Lisboa, mês 9350; Província, 3 meses 2850; África Portuguesa, 6 meses 6000; Estrangeiro, 6 meses 10280
PAGAMENTO ADIANTADO
(AVENÇADO)

QUINTA-FEIRA, 30 DE DEZEMBRO DE 1926

A mulher na vida social

No movimento operário tem sido sempre acaloradamente discutido o papel da mulher na vida social. O atraço da mulher é, infelizmente, muito maior que o do homem, fazendo esta circunstância que a questão social se agrave até o infinito.

A verdade é que a emancipação da mulher não pode depender da emancipação do homem, pois não seria justo que à mulher fôssem reconhecidos direitos que a coloquem numa situação de inferioridade e submissão.

Todos os indivíduos têm igual direito a conquistar e, depois, a desfrutar a sua emancipação social e económica, uma vida livre e feliz. Nenhuma rivalidade, pois, se justificaria entre o homem e a mulher, nessa obra maravilhosa de emancipação.

A origem de todos os males que amarguram a vida útil dos trabalhadores pode encontrar-se facilmente na organização económica e industrial do capitalismo. Combater enérgicamente o capitalismo deve ser a ação comum e solidária de todos os trabalhadores, não importando a que sexo e a que classe pertençam.

Tem, portanto, de ser reconhecido à mulher o direito de conquistar na sociedade melhor situação, qualquer que seja o ramo de actividade para que a sua tendência a empurrar e a sua faculdade a exper-

Vítima, como o homem, da servidão do capitalismo, a mulher fica com o dever de participar na luta pela emancipação de todos os trabalhadores, a fim de que venha a usufruir, sem favor de ninguém, todos os direitos que não lhe podem ser contestados.

Notas & Comentários

O trânsito

A circulação de automóveis tem vindo a intensificar-se muito, desde há meses. O trânsito está sendo regulado pouco a pouco em disposições que nem sempre são bem coordenadas. O público, então, não vê aí considerados os seus incontestáveis direitos, tendo de esperar longo tempo que esse, um momento, a circulação para poder atravessar as ruas. A polícia de trânsito não se preocupa de garantir a passagem do público e os chauffeurs, muitas vezes, não sabem prover-se um pouco de paciência e contemporização, abrandando a marcha dos carros em pontos onde a aglomeração de pessoas seja de atender.

O clima

Vive-se na ideia tradicional de que o clima português não comporta nem os calores das trópicos nem os frios dos países nortistas.

Afinal a neve que últimamente caiu em Lisboa e o frio intenso destes últimos dias vem por em cheque essa cantata tradicional sobre a amabilidade do clima. Veio também demonstrar a necessidade de se tomar as medidas que contra o frio se põem em prática nos outros países. Isto de continuar proclamando a amabilidade do clima só é bom, paga quem tem «chauffage» em casa.

A saúde em Lisboa

A direcção geral de saúde determinou que, a partir de 1 de Janeiro próximo, seja obrigatória a declaração, por parte dos cínicos, da varíola, escarlatina, difteria, febre tifoide, tifo exantemático, meningite epidémica, peste, cólera e febre amarela.

A SOCIEDADE BURGUESA

Um-luminoso projecto

MADRÍD, 29. — O ministro dos Esteriores, sr. Yanguas, recebeu os representantes da imprensa, perante os quais sublinhou a importância da criação do comitê de relações intelectuais, cujo fim principal é cooperar no desenvolvimento intensivo das relações científicas, literárias e artísticas entre a Espanha e o estrangeiro, da mesma forma que é praticado por outros países. O ministro salientou a necessidade de prover à educação dos espanhóis residentes no estrangeiro, em conformidade com as normas seguidas nas escolas nacionais. O governo, com o fim de manter o prestígio intelectual da Espanha no estrangeiro, vai organizar, por meio deste comitê, cadeiras de língua e literatura espanhola nas universidades estrangeiras. No que respeita aos espanhóis da América hispânica, o ensino recebido nas instituições locais será completado com estudos sobre a história da Espanha, dos seus monumentos e progressos. (L.)

Qual é se espera por um negócio

MADRÍD, 29. — O governo deliberou aguardar, até Abril do próximo ano, as propostas inglesas acerca duma redução especial das pautas aliançadarias. (L.)

Pois sim...

PARIS, 29. — Le Temps publicou um artigo mostrando a necessidade de serem disipadas totalmente as návus acasteladas entre a França e a Itália em consequência dos incidentes na fronteira. (L.)

A QUESTÃO DA PESCA

O decreto que fixou o limite mínimo da sardinha ameaça seriamente a existência dos pescadores que utilizam as artes de chavéga, dando margem também a graves inconvenientes

O Algarve está fadado para as grandes calamidades. Primeiro foi a falta de pesca determinada pela ação destruidora das peregrinas espanholas que espalhou a fome e a dor por aquela região outrora tão rica. Depois foi a regulamentação da mesma pesca fixando o limite mínimo da sardinha que veio complicar a situação.

Como é sabido, antes da falta de sardinha na costa do Algarve, não estava fixado o seu limite de modo que toda a sardinha, por minúscula que fosse, podia ser pescada.

Mas eis que para evitar o exterminio das criações o decreto n.º 12.558 determinou que não podesse ser pescada sardinha com menos de onze centímetros.

A medida não deixou de merecer o aplauso das pessoas entendidas no assunto. As classes piscatórias e o operariado conservador manifestou-lhe a sua concordância visto o futuro ficar assim assegurado.

E se alguma discordância houve foi ela motivada pelo facto do decreto não fixar em doze centímetros o limite de pesca.

Porém, os inconvenientes do decreto começaram a fazer-se sentir logo que a sardinha apareceu na costa. Todas as vezes que os pescadores trouxessem na rede sardinha com menos de onze centímetros o pescado era apreendido.

Houve protestos e reclamações. Os mais justos são aqueles em que se clama contra o facto da sardinha ser apreendida por não atingir o limite, sendo depois mandada para a lota para ser vendida por determinado preço.

Por este princípio o proprietário de uma traíneira pode ver o seu pescado apreendido sem que isso lhe vá causar grande custo visto que vai à lota e compra a sardinha que a Capitania mandou apreender.

Neste caso só poderá haver prejuízos de ordem material, facilmente removíveis pelo consumidor.

Surgiu depois outro inconveniente: os pequenos pescadores do litoral, aqueles que ainda se utilizam das artes de chavéga, as mais antigas do Algarve, sempre que vão ao mar correm o perigo de verem o seu trabalho inutilizado, visto que a sardinha só raras vezes atinge os talos dezenove centímetros fixados pelo decreto.

QUESTÕES SOCIAIS

A SOLIDARIEDADE E O EGOÍSMO

Dois princípios biológicos dominam em todos os agregados, desde os zoológicos aos humanos: o princípio da luta, o princípio da solidariedade. Ambos visam o domínio da conservação do indivíduo e da espécie.

Nos aglomerados inferiores prevalece o princípio da luta na sua expressão mais brutal, implicando-se a vitória da vida como condição de morte dos vencidos. Quasi todo o mundo dos micro-organismos está envolvido no espantoso código de panderatura; todavia, no cosmos dos infinitamente pequenos antolha-se de vez a vez o princípio da solidariedade que começa na associação para a luta pela vida, e pôs o consório social sob a espantosa tiranía de um contra todos para se dizer depois todos contra um.

Com a associação de capitais por uma parte e de braços e inteligências por outra, a lei biosocial da luta vai realizar o supremo esforço de todo o passado contra todo o porvir. Esta última gigantesca guerra de interesses representa, todavia, qualquer outra coisa como a mais ampla expressão da lei de solidariedade. Mas, na história sempre tão universalmente associados os interesses e os esforços de ambos os campos em antagonismo como restia colisão final entre o monopólio do capital e a reivindicação do trabalho.

Pode dizer-se, também, que a própria alma desta luta é o espírito de solidariedade, que limita todas as lutas humanas a um só e último conflito e agrupa todos os contemporâneos nos duas únicas bandeiras.

Porém, quando a restituição, a grande restituição do bem deixado à família humana, se verifica – quando o capital, no qual essa expressão significa de riqueza natural ou instrumento de produção, em vez de uma arma de exploração nas mãos de poucos, seja uma organização de trabalho e de felicidade universal na posse de todos, essa benéfica força que desde o protoplasma ao organismo superior defendeu no infinito do tempo e do espaço as vidas dos seres, associando-os a seres afins, terá no mundo social a sua mais triunfal manifestação – substituindo as trágicas seleções da luta pela vida, nas eras selvagens pela defesa firme das existências sociais na conquista do bem comum, contra a lei ferrosa dos antagonismos que semeou de tristeza e morte o caminho da história.

Pedro GORI

O sopro das tempestades

BUCAREST, 29. — Têm-se registado terribéis tempestades de neve no mar Negro. O vapor «Astoria», conduzindo 22 pessoas aludiu-se. O único passageiro que conseguiu salvar-se ao saber da morte da esposa e três filhos suicidou-se. O navio «Rouman» naufragou também entre Constança e Constantinopla, morrendo toda a tripulação. (L.)

ESCLARECENDO DOUTRINA

O SINDICALISMO REVOLUÇÃOARIO

Porque se não pode considerar exagerado o assunto de que me tenho vindo a ocupar, ao contrário da opinião neste jornal expressa por algum categorizado nas ideias, volto ao campo do debate a dizer de minha justiça; tanto mais quanto é certo não achar eu que a réplica ao meu ataque tenha sido fulminante visto não haver sido fulminada causa nenhuma – como já se viu nos meus artigos anteriores.

Sen apelar de novo para Nosso Senhor Jesus Cristo nem recorrer ao Diabo – pois que fiquei mal com ambos por me não terem ajudado a fazer luz, segundo parece, no que eu pretendia esclarecer – e sem me preocupear na posse do bom senso depois do diploma que me passaram de insensatez que, pelo visto, é mal que se pega..., cumprindo declarar que não tive nem ceixe de ter conveniência em alegar ignorância de casos ou circunstâncias do meu conhecimento visto não me mover interesse algum em desconsiderar camaradas a quem prez e respeito. Simplesmente, como todos estamos escrevendo para o público, necessário é que as nossas palavras sejam ponderadas de forma que não levem o mesmo público a concluir que as nossas opiniões são indestrutíveis, essa organização das sociedades que poderemos com rigor chamar libertária... e mais adiante, seis linhas:

«Em todas as sociedades, em todos os tempos, há, pois, um resíduo social (o tal fundo permanente) que escapava à acção autoritária, que se podiam separar com rigor chamá-la anárquica. Argumentam ainda os camaradas oponentes que eu afirmei que a «desunião perdura antes e depois de 1914» e querem disto inferir que me contradigo mais adiante quando digo que «bastou a revolução russa para que os campos se extremasse».

Constatou que o tal esforço arreliador continua a fazer das suas... Nunca mais acaba a confusão dos meus críticos.

Por isso passaram novamente a vista sobre o que escrevi:

No meu artigo de 9 do corrente, perguntei eu, aceitando a premissa que me apresentavam de que «a unidade foi já entre nós uma realidade depois do Congresso de Tomar» (palavras exactas da mesma premissa):

«Se a unidade foi um facto depois do Congresso de Tomar... porque é que a desunião perdura antes e depois de 1914?»

Como se eu não afirmasse nada: perguntaram simplesmente e parece-me que com alguma razão: pois se a unidade, conforme se alegou, foi um facto depois de 1914, como se pode inferir que ela não existia antes desse ano; ou a lógica é uma ilusão. Além disso, como assistimos, há tempo, à desunião depois de 1914, também é natural concluir que a desunião voltou depois do referido ano. Logo é naturalíssima e lógica a minha pregunta em 9 desse mês.

Mas se preguntei, não afirmei como se diz. E, se não afirmarei, não há de contradição que se alegou, nem motivo para foguetes.

Por isso, depois de fazer aquela pregunta, baseada na afirmação dos meus opositores,

se derivam anarquia e anarquismo; por outro lado libertarismo supondo vir de liberdade (do latim libertas que é o poder de agir ou não agir, de escolher, em suma).

Quanto ao resto, isto é, sob o ponto de vista ideológico, julgo que ambas as palavras encerram a mesma ideologia: rázão, creio eu, por que muitos anarquistas as empregam indiferentemente.

O próprio elemento avançado, a quem os meus argüentes se referem, parece não fazer, como eles imaginam, essa tautologia entre o ideal de anarquismo e o de libertarismo, porque escreve em certa altura no seu lapidar trabalho «Organização Social Sindicalista», e escreve «indefinidamente, os qualificativos anárquico e libertário»; pois que referindo-se à actividade da vida social do meu conhecimento visto não me mover interesse algum em desconsiderar camaradas a quem prez e respeito. Simplesmente, como todos estamos escrevendo para o público, necessário é que as nossas palavras sejam ponderadas de forma que não levem o mesmo público a concluir que as nossas opiniões são indestrutíveis, essa organização das sociedades que poderemos com rigor chamar libertária... e mais adiante, seis linhas:

«Em todas as sociedades, em todos os tempos, há, pois, um resíduo social (o tal fundo permanente) que escapava à acção autoritária, que se podiam separar com rigor chamá-la anárquica. Argumentam ainda os camaradas oponentes que eu afirmei que a «desunião perdura antes e depois de 1914» e querem disto inferir que me contradigo mais adiante quando digo que «bastou a revolução russa para que os campos se extremasse».

Constatou que o tal esforço arreliador continua a fazer das suas... Nunca mais acaba a confusão dos meus críticos.

Por isso passaram novamente a vista sobre o que escrevi:

No meu artigo de 9 do corrente, perguntei eu, aceitando a premissa que me apresentavam de que «a unidade foi já entre nós uma realidade depois do Congresso de Tomar» (palavras exactas da mesma premissa):

«Se a unidade foi um facto depois do Congresso de Tomar... porque é que a desunião perdura antes e depois de 1914?»

Como se eu não afirmasse nada: perguntaram simplesmente e parece-me que com alguma razão: pois se a unidade, conforme se alegou, foi um facto depois de 1914, como se pode inferir que ela não existia antes desse ano; ou a lógica é uma ilusão. Além disso, como assistimos, há tempo, à desunião depois de 1914, também é natural concluir que a desunião voltou depois do referido ano. Logo é naturalíssima e lógica a minha pregunta em 9 desse mês.

Mas se preguntei, não afirmei como se diz. E, se não afirmarei, não há de contradição que se alegou, nem motivo para foguetes.

Por isso, depois de fazer aquela pregunta, baseada na afirmação dos meus opositores,

José Carlos de SOUSA.

O CONFLITO ACADEMICO

O que disse à "Batalha" sobre o assunto um aluno do Instituto Industrial e Comercial do Porto

PORTO, 29. — Encontrando ontem à noite o sr. António de Castro de Almeida Melo, aluno do Instituto Industrial e Comercial do Porto, trocámos com ele algumas palavras sobre o conflito académico, para informarmos os leitores de A Batalha.

— Então o conflito académico já terminou? — perguntou-nos.

— Ainda não. Em quanto os governos não nos fizerem justiça, continuaremos a pugnar pelas nossas reclamações. Os Institutos Médios têm sido atacados pela ditadura. Parece-nos que se movem detrás dos bastidores da política poderes ocultos protegendo as Escolas Superiores e declarando-nos guerra de morte.

— Sim. As reclamações das Escolas Superiores já foram atendidas enquanto que a nós nem os direitos adquiridos respeitaram.

— Mas o decreto publicado... —

— Não podemos continuar porque o nosso entrevistado continuou:

— O decreto publicado é uma grande burla. Logo após a publicação desse, o sr. Alfredo da Silva, director do Instituto, foi a Lisboa conferir com o antigo ministro do Comércio, sr. Passos e Sousa, para que fossem salvaguardados os direitos adquiridos aos alunos matriculados.

— Sabe que resposta lhe deu o ministro?

— ?!

— Que tinha oficializado à Procuradoria Geral preguntando-lhe se os direitos adquiridos deviam ser respeitados...

Teatro Apolo

Telef. 5010 N.

Companhia Almeida Cruz
HOJE e todas as noites
2 sessões 2 às 8,30 e 10,30
com a esplêndida opéra

MOURARIA

em 5 actos, original de Lino Ferreira,
S. Tavares e L. Lauter, musicada
pelo mestre F. P. Duret.

Protagonista:

Adelina Fernandes**PREÇOS POPULARÍSSIMOS**

Camarotes, 35\$00; 20\$00; 10\$00. Fau-
teuil, 9\$00. Cadeiras, 6\$00.
Geral, 2\$00

TEATRO NACIONAL

Telefone N. 3049

Companhia Berta Bivar-Alves da Cunha

HOJE - HOJE
A PEÇA DE GARRETT**FREI LUIS DE SOUSA**

Nos primaciais papéis:
Berta Bivar e Alves da Cunha

**Comité Pró-Presos
por Questões Sociais**

Realiza-se em Lisboa, no dia 30 de Janeiro próximo, a primeira conferência para a constituição do Comité Nacional de Solidariedade a presos e perseguidos por questões sociais

Reuniu no passado dia 28 este Comité para apreciar vários assuntos referentes às conferências e resolvem marcar definitivamente a data da Conferência de Lisboa que se realiza no dia 30 de Janeiro.

Apreciam o relatório moral e as bases ergânicas dos Comitês Nacional e Locais, que foram aprovados por unanimidade, e tomou conhecimento de várias adesões às conferências de sindicatos de Lisboa e da província.

Resolreu ainda chamar a atenção dos sindicatos a quem foi enviada a circular, e que se não pronunciaram sobre a constituição do Comité Nacional, para que o façam dentro da possível brevidade, a fim de não prejudicarem os trabalhos deste Comité.

Brevemente será enviado aos organismos que deram a sua adesão à Conferência de Lisboa, uma circular com a ordem de trabalhos e local onde a mesma se realiza.

O Comité espera que todos os revolucionários sinceros colaborem nesta obra de solidariedade as vítimas da luta social que perceram a sua liberdade na defesa da emancipação dos trabalhadores.

No próximo sábado volta o Comité a reunir para continuação dos trabalhos pendentes.

Secretariado Nacional de Assistência Jurídica e Solidariedade

Em virtude da reunião do C. Confederal das consultas que hoje deviam ser dadas pelo dr. Sobral de Campos ficam adiadas para amanhã às 21 horas.

MUTUALISMO E COOPERATIVISMO

Cooperativa 2.ª Comuna. — Reúne hoje, em assembleia geral, pelas 20,30 horas, para eleição dos corpos gerentes para 1927. Não havendo número legal à hora indicada, reúne 1 hora depois, conforme resolução de uma assembleia anterior.

Doenças súbitas**Nova repartição municipal**

A Sala de Observações do Banco do Hospital de São José recolheu José Damião Rego, de 61 anos, 1.º escriturário da Câmara Municipal de Lisboa, e que, numa reunião da mesma Câmara, anexa à escola n.º 1, foi acometido de doença súbita.

Na cadeia de Limeiro.

Vindo da cadeia do Limeiro, dei entrada na enfermaria n.º 2 do Hospital do Deserto, o recluso Luís Jacinto, jornaleiro e natural de Dois Portos (Tóries Vedras) o qual adoeceu súbitamente naquela cadeia.

Edições SPARTACUS

A Teoria Libertária ou o Anarquismo, por Campos Lima, 35\$00.

Entre Vinhais e Pomares (novela), por Mário Domingues, 65\$00.

No Sertão d'Africa (contos tradicionais indígenas), por Manuel Kopke, 65\$00.

A venda, nas livrarias e na administração de A Batalha.

Depósito: «Livraria Renascença», ruas dos Poiais de S. Bento, n.º 27—Lisboa.

Litigios que os dos Institutos Superiores.

Sim. O senhor julga que por serem cursos superiores o deviam ser também nos conhecimentos. A sua superioridade está quase no nome, tendo talvez só a mais umas 8 ou 10 cadeiras do que nós.

Os senhores governantes, que à última hora se armaram em legisladores, fazem o que querem contra os fracos. Eles bem sabem o que são e o que valem as leis. Teias de aranha para os ricos e poderosos, garras que nada poderá quebrar para os pobres e pequenos, fios de pesca nas mãos do governo, como diria Paulo Eltzacker.

E, já a terminar, perguntamos:

— Que tencionam fazer?

Continuaremos a protestar contra estas medidas ditatoriais, esperando pela hora da justiça que há de soar. Basta-nos a certeza disso para que confiemos no futuro. — E.

TEATRO SALÃO FOZ

Matinée às 3 da tarde—Soirée às 8,45

Hoje—DESPEDIDA—Hoje

DE—
Lolita Buendia — Thomaz Vieira

e dos sketches portugueses

Romeus e Julietas e Bonecos

CONCERTO na FOZ MELODY BAND

No ecrã—TRONO VAGO (7 partes)

ÁMANHÃ:

ESTREIA da grande companhia

de bailados russos

e divertimentos

Sascha Morgowa

Quatro piásticos—No artístico

Grandioso repertório. Luxuosa apresentação

Lindos cenários. Deslumbrantes

efeitos de luxo

TEATRO NACIONAL

CONFÉRENCIAS

'Dignificar-se e dignificar a imprensa
é o dever do jornalista'

E' hoje que no Sindicato dos Profissionais da Imprensa de Lisboa, rua do Loreto, 13, 2.º, pelas 18 horas em ponto, realiza a conferência a que Berta de Bivar-Alves da Cunha está dando nome. A presidente é a camaráda Pinto Quartin a sua anunciada conferência subordinada ao tema 'Dignificar-se e dignificar a imprensa, é o dever do jornalista', cuja entrada é pública.

O sumário desta conferência é o seguinte: Analfabetismo e miséria industrial—Diminuição da expansão da leitura—A censura e a carestia da vida—O desprezo da intelectualidade—A psicologia do jornalismo através dos bons autores—A criminalidade no jornalismo—A imprensa é um bem ou é um mal?—As responsabilidades da classe na indiferença do público pelos jornais—A moral dos profissionais da imprensa—Como dignificar o jornalismo?—Necessidade de uma maior cultura geral—O sentido da responsabilidade—Seleção necessária—Os intrusos.

Fisiologia do Trabalho

Por iniciativa da Universidade Popular Portuguesa efectua-se hoje, pelas 21 horas, na sede do Sindicato Único da Construção Civil, a Caçada do Combro, onde funciona uma das secções da mesma Universidade, uma conferência subordinada ao tema 'Fisiologia do Trabalho'. É conferente o dr. sr. João Camoesas, que dissertará sobre 'O Trabalho e a Vida', sendo a entrada pélida.

A popular opereta -Mouraria-

Prossegue na sua gloriosa carreira de encheres, no Apolo, a portuguesíssima e popular opereta 'Mouraria', tão querida do público de todas as categorias sociais, sucesso brilhantíssimo da reputada companhia Almeida Cruz, sem rival no seu gênero.—'Mouraria', escusado é dizer, teve hoje, repetir-se todo o ano de 1927, mas no próximo sábado, dia de Ano Novo, os bilhetes para os espectáculos dessa noite serão acrescidos de 20% de locação, para que o seu produto constitua uma obra benemérita dos espectadores, quando reverta, integralmente, a favor de várias casas de caridade de Lisboa.

O Pé de Salsa

Estão sendo os espetáculos do Avenida o ponto de reunião das pessoas de bom gosto e que gostam de divertir-se rindo com vontade. O vaudeville, 'O Pé de Salsa', que é brilhante Companhia Satanaela—Amarela representa todas as noites desde, como é, cheio de graça, graça boa e inofensiva que provoca a gargalhada sádica, é igualmente um motivo excelente para se passarem três horas agradáveis, de alegria e de prazer, visto que 'O Pé de Salsa' tem uma primorosa representação, uma partitura lindíssima, saltitante e moderna e Luisa Santanella exibe nela primorosas e ricas 'toilets' e infecções nos 'ateliers' de Madame Martin. 'O Pé de Salsa' repefe-se hoje, havendo depois do 2.º acto um intervalo solo de violino executado pelo famoso professor que toca este instrumento na Orquestra Jazz-Band desse teatro.

O náutico pela Companhia Sascha Morgowa

A notabilíssima companhia de bailados russos Sascha Morgowa, completamente reorganizada com novos elementos artísticos e com outros números, reaparece amanhã no Teatro Salão Foz, onde se exibe pela primeira vez. E' este um acontecimento artístico digno de especial registo, porque Sascha Morgowa tem já hoje um nome mundialmente conhecido.

Hoje, apresenta-se pela última vez o actual programa de variedades que consta do seguinte: 'Couples' por Lolita Buendia, artista formosissima; 'Romeus e Julietas', episódio em 2 quadros; 'Bonecos', episódio; Cançonetas e anedotas, por Tomás Vieira, o popular actor cómico.

No 'screen' passa-se o 'film' em 7 partes, 'Trono vago', executando a 'Foz Melody Band' um notável programa.

Se a magnificência, o excedor, as surpresas da celebrada opereta 'O Príncipe Orfeo' são um verdadeiro encanto para a vista e para o espírito, a partitura constitui um verdadeiro modelo de inspiração, e os números de música de que está recheada são motivos de célebros atracções, casando-se maravilhosamente acs versos, ao encontro, às situações.

— Não se pode queixar de falta de carinho para a arte e a eminente actriz Amélia Rey Colaco. Nem que haja em Lisboa que desconheça o seu formidável trabalho na peça 'O Caso do Dia', e, o Gimnásio tomas as noites, enchendo-se em todos os lugares, recebe uma multidão que ali vai propostamente prestar culto a sublime interprete da obra primorosa do escritor Ramalho Curto.

Hoje 'Madame Butterfly' com Isang Tapales

Em recita de assinatura impõe esta noite à cena, no teatro de S. Carlos, a bela ópera de Puccini, 'Madame Butterfly', em que a notável soprano japonesa Isang Tapales tem uma das suas mais soberbas criações. Artista possuidora de uma voz malével e bem timbrada denunciando uma belíssima escola de canto, Isang Tapales não é apenas uma magnífica interprete da partitura, mas também uma admirável actriz que ao seu papel dá todo o relevo artístico. O tenor Gennaro Barra, o barítono Sirpo, a mezzo soprano Ginévra Amato e os baixos Friggi e Pateina completam um conjunto que dá à bela ópera uma admirável interpretação.

E como a companhia está dando os seus últimos espetáculos, todos os amadores de belo canto devem aproveitar estes dias, certos de que não será fácil ouvirrem tão cedo um tão admirável conjunto artístico.

— Os senhores governantes, que à última hora se armaram em legisladores, fazem o que querem contra os fracos. Eles bem sabem o que são e o que valem as leis. Teias de aranha para os ricos e poderosos, garras que nada poderá quebrar para os pobres e pequenos, fios de pesca nas mãos do governo, como diria Paulo Eltzacker.

E, já a terminar, perguntamos:

— Que tencionam fazer?

Continuaremos a protestar contra estas medidas ditatoriais, esperando pela hora da justiça que há de soar. Basta-nos a certeza disso para que confiemos no futuro. — E.

MÚSICA

O 9.º Concerto Fão, no Gimnásio

Está já organizado o brilhante programa para o Concerto Fão, de domingo, no Gimnásio. Nele, a Orquestra Sinfónica Portuguesa, sob a direcção do ilustre maestro Fernandes Fão, executará notabilíssimas composições de maestros de fama mundial.

Pedidos à administração de A Batalha

Arckinei. Preço 15\$00.

Solidariedade

Em auxílio de Esteves Ferreira realiza-se

no sábado, 22 de Janeiro, no salão de festas da Construção Civil, uma récita com o seguinte programa: 'As Partilhas', acto original de Santos Oliveira; sortes de prestidigitador, pelos amadores Canhotos; 'Criações Espertos', comédia em 1 acto, e um grandioso acto de variedades com variações à guitarra pelo popular guitarrista Teixeira Miranda e viola Jorge Canhoto. A troupe de bandolinistas Pompeus abrilará a festa.

A PEDRADA

Na enfermaria de São Sebastião do hospital de São José, dei

entra na enfermaria n.º 2 do Hospital do Deserto, o recluso Luís Jacinto, jornaleiro e

natural de Dois Portos (Tóries Vedras) o qual adoeceu súbitamente naquela cadeia.

Itinerário que os dos Institutos Superiores.

— ?

Sim. O senhor julga que por serem

cursos superiores o deviam ser também nos

conhecimentos. A sua superioridade está

quase no nome, tendo talvez só a mais umas

8 ou 10 cadeiras do que nós.

Os senhores governantes, que à última

hora se armaram em legisladores, fazem

o que querem contra os fracos. Eles bem

sabem o que são e o que valem as leis. Teias

de aranha para os ricos e poderosos, garras

que nada poderá quebrar para os

pobres e pequenos, fios de pesca nas mãos

do governo, como diria Paulo Eltzacker.

E, já a terminar, perguntamos:

— Que tencionam fazer?

Continuaremos a protestar contra estas

medidas ditatoriais, esperando pela hora

da justiça que há de soar. Basta-nos a cer-

teza disso para que confiemos no futuro. — E.

CAMBIOS		
Países	Compra	Venda
Sobre Londres, cheque	94575	—
Madrid cheque	3500	—
Paris, cheque	578	—
Stíca	579	—
Bruxelas cheque	2574	—
New-York	10960	—
Amsterdão	7584	—
Háia, cheque	389	—
Brasil	2835	—
Fraga	585,5	—
Suecia, cheque	5824	—
Austria, cheque	2577	—
Erlim,	4567	—

Caminhos de Ferro do Estado
DIRECÇÃO DO SUL E SUESTE
Concurso para adjudicação da exploração do bufete da estação de Beja

Faz-se público que no dia 10 de Janeiro de 1927, pelas 13 horas, na sede do Serviço de Movimento, Tráfego e Reclamações, em Barreiro, perante o respectivo engenheiro-chefe do serviço, terá lugar o concurso para a adjudicação da exploração do bufete da estação de Beja.

Para ser admitido a este concurso tem o concorrente que mostrar que efectuou na Tesouraria destes Caminhos de Ferro, o depósito provisório de 250000 (duzentos e cincuenta escudos), depósito que será feito até às 13 horas do dia 8.

A base de licitação é de Esc. 5000\$00 (cinco mil escudos).

O concorrente a quem a adjudicação for feita reforçará no prazo de 5 dias, contados da data em que lhe for comunicada a aprovação, o seu depósito provisório até à percentagem necessária para prefazer 10% (dez por cento) da importância total da adjudicação.

Os cadernos de encargos e condições estão patentes na Secção de Tráfego do Serviço de Movimento, Tráfego e Reclamações, Palácio Coimbra em Barreiro e na Secretaria da Direcção, Rua de São Mamede (ao Caldas) 63 em Lisboa, onde poderão ser examinados em todos os dias úteis das 11 às 16 horas.

Lisboa, 21 de Dezembro de 1926.—O Engenheiro-Director, Inácio Pimentel.

TEATROS

São Carlos—A's 21—Bohème.
Nacional—A's 21—Frei Luís de Sousa.
São Luís—A's 21—O Príncipe Orléans.
Gimnásio—A's 21,30—O caso do dia.
Trindade—A's 21,30—O Ladrão.
Politeama—A's 21—O Inimigo.
Avenida—A's 21,30—O Pé de salsa.
Apollo—A's 20,30 e 22,30—A Mouraria.
Eden—A's 20,45 e 22,45—Cabaz de Morenos.
Variedades—A's 20,30 e 22,30—O Pinto Calvário.
Maria Vitória—20,30 e 22,30—Sempre fixe.
Coliseu—A's 21—Companhia de circo.
Salão Foz—A's 15 e 20,30—Variedades.
Joaquim de Almeida—A's 21—Variedades.

CINEMAS

Tivoli—Avenida da Liberdade—Olimpia—Matinées e soirées—Salão Central—Praça dos Restauradores—Chiado Terrasse—Rua António Maria Cardoso—Cinema Condes—Avenida da Liberdade—Pathé Cinema—Rua Francisco Sanches—Salão Ideal—Rua do Loreto—Eden Cinema—Rua do Alívio (Alcântara)—Cine Paris—Rua Ferreira Borges—Alhambra—Parque Mayer (Variedades)—Salão Lisboa (Mouraria)—Cine-Esperança—(Rua da Esperança)—Domingos, terças, quintas, sábados, às 20,30, matinagráfo—Salão da Promotora—A's 20 horas

Policlínica da Rua do Ouro

Entrada: RUA DO CARMO, 98

TELEFONE N. 5353

Medicina, coração e pulmões—Dr. Armando Narvaez—A's 8 horas.
Cirurgia ginecologia—Dr. Bernardo Vilar—Ahoras, Rua das Minas—Dr. Miguel Magalhães—10 horas.
Pele e sifilis—Dr. Correia Piqueiredo—11 e 12 horas.
Doenças nervosas, electroterapia—Dr. R. Loff—2 horas.
Doenças dos olhos—Dr. Mário de Matos—2 horas.
Garganta, nariz e ouvidos—Dr. Mário Oliveira—12 horas.
Estomago e intestinos—Dr. Mendes Belo—3 horas.
Doenças das membranas—Dr. Emílio Paiva—2 horas.
Doenças das crianças—Dr. Filipe Manso—12 horas.
Tratamento de diabetes—Dr. Ernesto Roma—3 horas.
Lentes dentes—Dr. Armando Lima—10 horas.
Centro e rádio—Dr. Cabral de Melo—1 hora.
Raio X—Dr. Aleu Saldaña—1 hora.
Anfusas—Dr. Gabriel Beato—1 hora.

Biblioteca de Instrução Profissional

Mecânica

Tornelro e Frazeror mecanicos..... 15\$00
Desenho de máquinas..... 25\$00
Material agrícola..... 13\$00
Nomenclatura das caldeiras e máquinas a vapor..... 13\$00
Problemas de máquinas..... 16\$00

Construção Civil

Acabamentos das construções..... 16\$00
Alvenaria e Cantaria..... 13\$00
Edificações..... 13\$00
Encanamentos e salubridade das habitações..... 13\$00
Materiais de construção..... 20\$00
Terriplenações e alicerces..... 13\$00
Trabalhos da Carpintaria..... 16\$00

Diversas Indústrias

Condutor de Máquinas..... 20\$00
Fogueiro..... 16\$00
Formador e escudador..... 12\$00
Fundidor..... 13\$00
Pilotagem..... 16\$00
Indústria alimentar..... 25\$00
Indústria do vidro..... 12\$00

Elementos gerais

Algebra elementar..... 13\$00
Aritmética prática..... 15\$00
Desenho linear geométrico..... 12\$00
Elementos de electricidade..... 30\$00
Elementos de física..... 12\$00
Elementos de Mecânica..... 12\$00
Elementos de Modelação..... 12\$00
Elementos de Projeções..... 16\$00
Elementos de Química..... 12\$00
Geometria plana e no espaço..... 13\$00
Fabricante de tecidos..... 13\$00

Leilão de Penhores

R. A. M. Alegrete, 30

Recebe juros até 3 de Janeiro

A EPOPEIA DO TRABALHO

POR

Ferreira de Castro, com desenhos de Roberto Nobre

Espírito vivo, que é um verdadeiro hino ao Trabalho, com dezenas de gravuras. A' venda nas livrarias, ao preço de 6000 e, à cobrança, de 7500.

Pedidos à Livraria Renascença, de J. Cardoso, editor, Rua dos Poais de São Bento, 27 e 29 e à Administração de A Batalha, calçada do Combro, 38-A, 2º—Lisboa—Portugal.

disse Castillon encolhendo os ombros. Se este estalajadeiro não fosse tão estúpido, há meia hora que estávamos bebendo a tua chegada ao batalhão, camarão!

—É verdade, mas já teríamos bebido, enquanto que assim, ainda vamos saborear o belo vinho! respondeu Duresnel.

—Chegaste em boa ocasião, camarada! respondeu, rindo, um outro voluntário. A gente bate-se amanhã, e então é que tu vais vêr como se corre para o fogo...

—Foi para isso que eu vim! exclamou Duresnel com a sua voz timida. Ora os cidadãos vão rir de mim quando eu lhes disser que tenho medo de uma coisa...

—De quê?... de quê?... perguntaram os voluntários, rindo da ingenuidade do jovem parisiense. De que tens tu medo? Vamos, explica-te, camarada!

—Tenho medo, camarão... de ter medo...

Esta resposta provocou uma gargalhada geral, e Duresnel prosseguiu, sem se perturbar:

—É claro... palavra de honra, camarão! como nunca entrei em fogo, ignoro o efeito que ele produzirá em mim, e por isso tenho medo de ter medo...

Isto é bem simples.

—Bravo, camarada! exclamou o capitão. Nem sempre são os melhores os que antes falam muito. Acho de bom agolho a tua modestia: e sou capaz de apostar que has de receber corajosamente, amanhã, o teu baptismo de fogo bradando: Viva a República! Basta que tenhas alguma confiança em ti.

—Agradeço as suas palavras, capitão. Eu hei de fazer o que puder; porque seria muito desagradável para mim reconhecer que sou um poltrão depois de ter vindo em carruagem de posta desde Paris até à fronteira juntar-me ao batalhão.

—Tinhas então muita pressa de cá chegar? pre-guntou Castillon.

—Decerto. Perdi já tanto tempo, retido no quartel de Picpus, onde estão as reservas do batalhão, e onde aprendi o manejo das armas!... Depois tomei um lu-

gar na carruagem de posta para vir até Strasbourg, ao

Calçada do Combro, 38-A, 2º

OS MISTERIOS DO PÚBLICO

30-12-1926

mesmo tempo com a escolta que acompanhava a Ingelsheim os cidadãos, representantes do povo São Just e Lebas... Reuni-me ao batalhão, e cá estou...

—Um bom copo de vinho há de dar-te coragem, camarada! disse o capitão Martim. Vamos, camaradas! ai chega o estalajadeiro com as garrafas. Bebamos a saúde do cidadão Duresnel, ao exterminio dos reis, dos padres, dos jesuítas e dos aristocratas.

—Obrigado, capitão, eu não bebo senão água! replicou Duresnel enchendo um copo de água. A saúde dos meus valorosos companheiros do sétimo batalhão de voluntários parisienses! ao exterminio dos monarcas e dos aristocratas!... Capitão! tenho um favor a pedir-lhe, na sua qualidade de meu chefe militar.

—Concedido desde já, mas com uma condição.

—Qual, capitão?

—E que nos hás de tratar por tu, a mim e aos nossos camaradas, em sinal de confraternidade política.

—Pois sim, capitão. Eis o que te vou pedir: Sou agora soldado do exército do Rheno e de Moselle, e parece-me que me interessaria mais pelo serviço se soubesse em que alturas vai a guerra. A não ser assim, sucede-me como as pessoas que começam pelo meio a leitura dum romance de que ignoram o princípio.

—E' muito justo o que tu dizes, camarada! replicou o capitão. Satisfarei o teu desejo num dos nossos próximos serões.

Neste momento distraiu a atenção dos voluntários a presença dum novo personagem na sala era um; indivíduo com uniforme de artilheiro a cavalo, e divisas de primeiro sargento, trazendo o uniforme todo remendado, como os demais voluntários. Era um semblante viril e marcial quanto possível o déste artilheiro, que entrou na sala fazendo a continência militar e dizendo alegremente:

—Boas noites, cidadãos. Há lugar por um pedaço para um artilheiro do exército do Rheno?

—Há, sim! disse Castillon afastando-se para dar lugar ao artilheiro e reparando muito nele. Mas espe-

ra... eu creio que não é esta a primeira vez que nos encontramos, camarada...?

—É' possível, respondeu o artilheiro olhando também para Castillon. É' isso! encontrárnos numa ocasião difícil de esquecer... visto que foi única.

—O ano passado, a 2 de Setembro.

—Na prisão da Fôrça.

—Sim, quando a expurgávamos dos padres e dos aristocratas.

—Camarada! tu és Tiago Duchemin! disse o capitão Martim apertando a mão ao artilheiro. Ouviste pro-nunciar o teu nome na Assemblea nacional entre os beneméritos da pátria, e admirei a tua dedicação...

Tu oferecias tudo quanto tinhas: a tua vida e os teus cavalos...

—Ah! tu estavas nesse dia na Assemblea?

—Sim, vinha da Abadia...

—Onde também tinhas trabalhado?

—Necessidade terrível e fatal... eu julgava-o e

ainda o creio... Morram os aristocratas e os padres!

—Como a gente se encontra em tóda a parte! Vai um copo de vinho, artilheiro?

—Com todo o gosto, camarada... eu estou gelado e fatigado. Aquele patife do Alazão!

—De que Alazão falas tu, meu velho?

—E' um dos cavalos que eu ofereci à pátria...

Nós alistámos-nos, os meus dois cavalos e eu, em 92,

no sétimo regimento de artilharia montada; mas o meu

outro cavalo, o meu Russo, falta à chamada desde a

batalha de Watignies, por ter recebido uma bala no ventre, quando o montava um dos serventes da minha querida Carmagnole.

—Tu tens uma amante chamada Carmagnole? A

ideia é original!

—Eu baptizei com este nome patriótico a peça que

comando na minha bateria... Ah! se vissem que ma-

gnífica peça aquela, cidadãos, que bela boquinha de

fogo!... Como ela vomita amavelmente a sua metra-

lia na cara dos prussianos e dos austriacos!

—Então tu tomas-nos por uns recrutas, meu ve-

lo? disse Castillon rindo. Queres fazer-nos crer que as peças de artilharia são diferentes umas das outras...

—Se são diferentes!... olha pregunta isso aos bons

artilheiros, e verás o que eles te respondem... Há pa-

tetas de peças com que nunca se pode contar para boa

pontaria... Mas Carmagnole nunca tem caprichos...

para onde se aponta é para onde ela arroja os pro-

jecteis.

—Cidadãos! disse alegremente o capitão. Cheio de

admiração pelo caráter, pelas virtudes e pela bravura

A BATALHA

TEMAS IRREVERENTES

EPÍSTOLA DA PRIMEIRA DOMINGA

A hora em que, pelas igrejas de todo o orbe católico, nossos irmãos suspiram, ouvindo, atentos e com lágrima, o sermão da primeira dominga de quaresma, dou eu princípio a esta, para o que desde já me benzo, *in nomine patris et filii et spiritus sancti*, a todos desejando paz e misericórdia da parte de Deus Pai e da de Cristo filho, per omnia sæcula sæculorum. Amen.

Irmãos: saibam todos os que esta lèrem que só agora foi Deus Nossa Senhor servido dar-me vagar e paciência para vos escrever, o que eu, muito gostosamente faço, para maior glória do Altíssimo e mais completa edificação do mundo.

Apresso-me, portanto, a constatar o vosso santo zélo e copiosa fé, de que tamanha prova a todo o mundo foi patente, no desagravo que a Deus e a sua Mãe levastes a efeito e de que tanto e tão ardenteamento nos falaram as vossas fôlhas e protestos. [Digna de atenção, sobretudo, a *Juventude Católica*, de Lisboa, não só por ter partido dela a iniciativa, mas porque, em todos os seus passos, de uma perspicácia e piedade simbólicas. Mas injusto seria se eu esquecesse os esforços e o zelo dos nossos irmãos de Setúbal, de Peniche, de Torres Novas, da Covilhã, de Leiria, de Guimarães, de Braga e de tantos outros, que à semelhança dos da *Juventude*, saíram a público, de rosário na mão e vela acesa, entoando o *Bendito* e a *Ladainha*, com uma fé estoica.

Aos de Braga, porém, cabe referência especial. Porque êsses não se limitaram só a rezar e a conumar. Outras coisas obraram, de muito mais valor perante o céu. Assim, é público e notório que eles, depois de muitos vivas a Jesus e à Imaculada, se ajoelham perante a Senhora do Sameiro, em cujas mãos depuseram—comovente lembrâncias formosas serpentinas de metal branco, muito bem fabricadas, diz o jornal que me informou.

Muito bem, irmãos. Muitíssimo bem, até. Há, porém, uma coisa de que vos esquecistes, todos vós, irmãos do norte, do centro e do sul, e que no futuro há de fazer certa impressão, mormente nos espíritos mesquinhos, sujos de scepticismo, sempre prontos a chasquear e a abusar destas obras piedosas.

Essa coisa em que vós, de certo, deveis também ter logo reparado, foi—digamo-lo aqui só para nós—a ausência de milagres. E não deste ou daquele, feito por este ou aquela santo, mas de todo o milagre. Ausência, por conseguinte, absoluta, escandalosa, inexplicável, como ninguém se lembra, como já mais aconteceu em toda a vasta e secundissíma cronologia da piedade cristã.

No que também os mesmos herejes reparam, faltando-lhe de rir à custa dessas coisas, que muitos tomaram, não como penitência quaresmal, mas como seqüência natural dos folguedos do entrudo.

O caso foi, na verdade, para isso. Porque, irmãos, desdobrar tanto zélo, estender tanta fé, levantar tanta súplica e pregar tanto sermão, sem que houvesse lugar para um único prodigo,—desculpem, que vo-lo diga,—é para um devoto nunca mais rezar um *padrão* nosso, embrerizando, para sempre, os santos. De mais a mais tratando-se de uma manifestação de tanto alcance; a de provar à impiedade que quem manda no mundo é ainda e sempre o mesmo Deus Nossa Senhor.

Ponderai, pois, e vede que em todos ês-ses longos dias não houve, das partes do céu, um único sinal por onde a Divina Província nos desse a conhecer que estava satisfeita. Nenhuma aparição, nenhum exemplo, aliás tão preciso, para consolo da heresia. Nenhuma voz celeste, apregoando graças, nenhum anjo de luz, anuncianto Deus.

A própria Virgem, para quem iam todos os vossos pensamentos e que tanto vela sempre sobre os crentes, não teve, dessa vez, para convosco, um simples gesto, uma palavra, uma carícia. Nem um aceno, mesmo vago, nem um sorriso, mesmo duvidoso, quando ela, noutros tempos, se fartava de dar voltas nos seus nichos, à simples aproximação de uma cabreira.

E, todavia, como a ocasião era boa para que o céu desse de si! Como tudo estava reclamando anjos e prodígios e mistérios!

Noutros tempos, por bem menos razões, os milagres eram tantos e de tantas espécies, que até os cronistas se viam embarrados para os catalogar.

Dei-me eu que fechou assim a sua crônica, já se é atulhada de feitos estupidos: «Mas há muitas outras coisas, as quais, se se escrevessem, uma por uma, nem todo o mundo poderia conter os livros onde elas se narrasse». (Apocalipse).

De resto, se abrimos o *Flos Suctorum*, em qualquer das suas páginas há uma tão grande cópia de milagres, que a gente chega mesmo a duvidar que todos elas hajam acontecido.

Ao passo que ali se vê, todos os dias, o senhor Deus em convívio amistoso com os santos, cavaqueando sobre coisas diversas, tal como nós com os nossos vizinhos e compades, através dos quintais ou da janela para a rua, no caso presente do vosso desagravo esse Deus sumiu-se de tal forma, que nenhum de entre vós,—maiis foram muitos milhares—conseguiu enxergá-lo.

Nesses tempos benditos do prodígio, por bem menos do que duvidar da virgindade da Senhora, abriam-se os céus de cabo a rabo, despejando na terra tão numerosas, tão espessas nuvens de anjos, que chegavam a escurecer o sol. Pois dessa vez nem uma dessas céus se descurrou, nem uma aí desses anjos se estendeu!

Contudo nunca em Portugal, nunca talvez no mundo se rezasse com tanta fé, nem se pedisse a Deus com tanta ânsia o completo extermínio dos herejes.

Em todas as igrejas que se prezam revoram canticos sagrados, de mistura com *vivas* clamorosos à *Mae Santíssima* e ao *Padre*. E não só nas igrejas; mesmo pelas caselas, ao passar nas ermidas, ao avisar as cruzes, por todos os atalhos, por todas as estradas, nos combóios, de tipóia, em toda a parte se berrou *Viva a Igreja Católica! Viva Jesus! Viva a Imaculada! Viva Deus!*

Tanta devoção e tanto entusiasmo que chegam mesmo além da fé.

Caiu-se na heresia. Pois quê: não repararam que dando vivas a Deus cometiam um erro teológico? Por esta razão: é que só diz: *Viva!* a quem tem, pelo menos, probabilidade de morrer. E, se me dão licença, Deus não está ainda nesse caso. Deus, por

O POVO

por Leon Werth

Tinham-lhe dado baixa pela junta na véspera... Iamos nós rua fora, quando se deslocou no passeio a sombra dum ramo de árvore agitado pelo vento, e ele estremeceu, fazendo uma visagem de nojo.

— Não é nada, disse-me ele; é a absorção... e aquele movimento de sombra no chão... por um instante pareceu-me que era uma rata... Vivi muito tempo com as ratas... Devia ser desculpado... Eu tinha hábitos pesados, vivia na alternação do abaloamento e da trinchete. Passei noites inteiras na imobilidade. Como quem espera uma boa ou má carta, esperava eu a alternativa da vida ou da morte. Ainda não estou afeto às vossas grandes ideias: vivo com pequeninas sensações.

Lá as vossas ideias, as vossas ideias de paisanos, estou convencido de que nunca as atingirei. A respeito de guerra, tenho cá ideias de ofício, ideias de jornaleiro. Mas o que mais me incomoda é não tornar a achar as minhas ideias, as que eu tinha antes da guerra. Talvez seja doença, mas preciso de que esta vida me confirme as ideias. Eu caí não sei atem-me a um sistema, pelos artifícios da diálogia; não torque os factos no sentido do meu sistema. E é com pasmo que me ponho a considerar êsses católicos que dizem: «Nós somos mais socialistas do que vós», os socialistas que dizem: «Somos mais patriotas do que vós». Toda essa gente faz política e mete-me nojo.

Devia confessar-lhe que a guerra mudou, entre outras, a ideia que eu fazia do povo. Peço desculpa de estar a dizer coisas tão simples, tão evidentes. «Mas que heide eu fazer? O futuro está fechado à nossa reflexão, pois que, assinada a paz, preciso de que me confirme as ideias. Eu caí não sei atem-me a um sistema, pelos artifícios da diálogia; não torque os factos no sentido do meu sistema. E é com pasmo que me ponho a considerar êsses católicos que dizem: «Nós somos mais socialistas do que vós», os socialistas que dizem: «Somos mais patriotas do que vós». Toda essa gente faz política e mete-me nojo.

Porque, diga a teólogo o que quiser, a Deus pertencia, à vista da tamanha devocão da vossa parte, dar um testemunho, fosse lá, como fôsse, da sua divina graça, mostrando assim que via, ouvia e não deixava em saco rôto. Não fazia éta de nada mais se deixasse os pés a caminho, não digo já para vos assisti nas festas de Lisboa, a heresia é mais temiosa, mas os meus em Braga, onde a fêce nasce pelas almas tão exponencialmente como as minhocas nas levadas. E, uma vez instalado no Sâo-miro, deitar a todos vós a sua bênção, depois de vos ter dito, pelo menos: *Bem hajam*. Isso não vos fazia mal nenhum e causava impressão no mundo herético.

Por esse infinito Deus todo poderoso, não só guardou um silêncio inquietador, como também se não mostrou. No que, valha a verdade, foi de uma inconveniência fora de toda a norma. O próprio céu imenso, que nesses dias se devia ter baixado até à terra, para que todos vós puddesseis subir e vêr, sem outro esforço que não fôsse erguer a perna e dar um salto, como tantas e tantas vezes já tem acontecido, fechou-se de tal modo em cirros e nevoeiros, que até o sol, por muitas partes, tapou a face, privando-nos, assim, da sua luz. E tão grande, tão escandaloso nos pareceu êsses fracassos, que muita gente nem acreditou no que diziam. Eu fui um delas. Desejando, porém, conhecer a verdade, recorri aos órgãos da *boa imprensa*. Mas quê? Em vão percorri todas as vossas fôlhas, desde o artigo de fundo à coluna dos paquetes, a ver se descobria, não digo já algum milagre rembantudo, mas ao menos qualquer facto anormal, como, por exemplo, um empate de estômago logo despidemido ou uma perna estorregada; posta logo a funcionar, sem auxílio de ungüentos nem de médicos. Pois nem isso!

Deitei-me aíndia a indagar, entre os nossos irmãos, devotos e não devotos, se alguns deles recebera qualquer graça oculta, pelo seu devoto, ou algum castigo secreto pela sua blasfêmia. Qual graça ou qual castigo: ninguém me soube dizer. Em todos eles a vida seguiu como sempre, monótona, insípida, difícil. Pelo que sou levado, irônico, a concluir que o vosso movimento de desagravo à Virgem não foi apenas um insucesso lamentável. Foi mais do que isso. Fei uma desconsideração. Pergunto agora: Como justificais semelhante desastre?

Tomas da FONSECA

A xenofobia da China

A França desinteressa-se...

PARIS, 29.—O sr. Briand telegrafou aos representantes franceses em Pequim, Londres, Bruxelas, Washington, Roma, Haia, Lisboa, enviando-lhes instruções sobre a política da França em relação à China. A França continuará na sua atitude de especulação, abstando-se de se imiscuir na política interna da China, cuja unidade política respeita. O governo considera inopportunamente discutir os direitos dos estrangeiros sobre governos chineses opostos, e sugere deixar que a crise se desenrole até que as negociações possam, útilmente, ser iniciadas com as autoridades realmente representativas do povo chinês. A França esforçar-se-há, então, por melhorar as relações entre a China e as nações estrangeiras. (L.)

Até ver, se não for tarde...

PARIS, 29.—Entrevistado por alguns jornalistas sobre os acontecimentos da China, o sr. Briand disse que a Gran-Bretanha, França, Bélgica, Alemanha, Itália, Holanda e os Estados Unidos estão de acordo em manter no Extremo Oriente uma política respeitante que não se imiscuir em acontecimentos que apenas dizem respeito ao país em que se desenrolam. Só terminada a crise será possível negociar com o governo da China. (L.)

O regime capitalista

Como se finge prosperidade

LONDRES, 29.—A indústria britânica do ferro e do aço tem actualmente a satisfação um número de encomendas, que desde 1920 não é excedido. O número de altos fornos em funcionamento, que durante a greve mineira foi apenas de quatro, elevou-se neste momento a vinte e seis. As fábricas de aço de Midfesborough, fechadas durante três anos, recomeçaram a sua laboração. Dois fornos foram acessos obtidos pela primeira vez depois da greve. Em Cleveland, cuja capacidade de produção é de um milhão anual de toneladas, foram acessos cinco e reabertas duas fábricas. (L.)

Paliativos burgueses

PARIS, 29.—O conselho de ministros continua estudando as medidas preventivas contra o desemprego. Os ministros do interior e do trabalho declararam que a situação não apresenta qualquer sintoma inquietante, pois o ligeiro aumento dos desempregados que se registra tem o caráter de transitório. (L.)

INSTRUÇÃO

Sociedade de Instrução Amigos da Infância

Está aberta a inscrição para ajudante de professora desta Escola, a qual se encontra aberta todas as noites das 20 às 22 horas, na rua Maria Pia, 204, L.

pedidos à administração da Batata

A liberdade obter-se há lutando pela abolição do Estado e não pela conquista deste

CARTA DO PORTO

A inovação de um industrial que redonda em prejuízo dos operários da sua casa

PORTO, 28.—Nesta cidade constituiu-se

uma empreza a que deram o nome industrial de Fábrica de Calçado «A Portuense, Ltd.».

Esta fábrica, que era a antiga casa Amaral, quis introduzir na especialidade

uma extraña inovação, a qual consiste em centralizar na sua oficina o pessoal manual

empreiteiro que antigamente trabalhava em casa para dita exa Amaral. Mas como

a nova firma industrial-comercial tem espetezas financeiras que prometem dar esperanças dum progresso alegado, a

pessoal centralizado foi amavelmente convidado a levar para a citada fábrica «A Portuense, Ltd.», as suas respectivas bancas de trabalho, com as devidas ferramentas e acessórios.

A nova empreza de calçado,

«A Portuense, Ltd.», se pegasse, era uma

segunda pretensão industrial que redonda

em prejuízo dos operários da sua casa

Ele compõe-se com o seu pessoal e não com o sindicato, porque este só exigiria esquecendo-se, o gerente do abuso que ele cometeu em diminuir os salários sem uma prévia consulta aos interessados.

Como subsistiu a indelicadeza, a grosseice, a comissão sempre teve de ceder; a gerência lá conferenciou com o pessoal sóbre o conflito, ou antes: sóbre a extorsão, apresentando a seguinte e interessante plataforma: não abate os centavos no preço da mão de obra, mas quer que o pessoal pague a goma e a luz—porque sendo a oficina muito escuta, quisi que é preceiso estar-se a maior parte do dia com luz artificial...

Esta pretensão industrial esca da fábrica «A Portuense, Ltd.», se pegasse, era uma segunda pretensão industrial que redonda em prejuízo dos operários da sua casa

quis introduzir na fábrica. Em sinal de repressão pelo que se acaba de passar, mandou fixar um *akase* pelo qual os operários ficaram terminantemente intimados:

1.º a entrar para a oficina: mais cedo 10 minutos, terminando o serviço apenas antes dois minutos da saída; 2.º a não comer nem a beber durante as horas de trabalho, isto a-pesar-de-trabalharem por sua conta; 3.º a não fumar em qualquer sítio da oficina;

4.º a ser punidos: a um dia de suspensão, quando faltam pelas primeira vez; a dois dias, pela segunda; e pela terceira, com a demissão imediata... Emfim, um cem número de coisas que torna a supracitada fábrica uma rocha africana.

Felizmente que o pessoal parece prezar muito a sua dignidade, em virtude do que, com o seu procedimento ativo, vão sendo anuladas todas as disposições regulares...

Para melhor apreciação do que é a gente directiva da fábrica «A Portuense, Ltd.», é conveniente esteriotipar: mais isto: o Sindicato Único dos Operários da Indústria de Calçado, Couros e Peles publicou na imprensa um protesto contra a forma incorreta como a gerência da fábrica em questão tratou a comissão de fábrica em questões que torna a supracitada fábrica em questão.

A comissão apresentou-se delicadamente nos domínios fabris de «A Portuense, Ltd.».

Mas como lá existe um encarregado, de nacionalidade francesa, que brilha pela sua incivilidade irritante, ela foi recebida na porta da espada. O francês, para quem a correcção é coisa desconhecida, opôs-se tenazamente a tratar com a comissão.

quando o próprio pessoal sabe muito bem, por experiência própria, de que são capazes os tiranetes e exploradores da fábrica «A Portuense, Ltd.»...

Promete ou não promete esta nova rocha neurasténicamente dirigida pelo sr. Barbosa Soeiro? Ai, se promete...—C.

MOVIMENTO OPERÁRIO INTERNACIONAL

A elucidativa história de uma delegação reformista ao México

Há tempos, a International em Amsterdã decidiu enviar ao México uma delegação cujo fim principal deveria ser conseguir a adesão da Confederação Operária Regional Mexicana (C. R. O. M.).

Pretextou-se publicamente que se tratava de uma viagem de estudo à organização operária do México. Entretanto, alguma coisa se passava nos bastidores que teve, como consequência, a renúncia declarada da International em Amsterdã a formar parte da delegação, indo vários militantes se integrar na delegação como representantes dos respetivos organismos, e não a Federação Sindicual Internacional.

Uma das razões da mudança de atitude está no facto de